

O Messias faz 90
anos e não faltam
histórias **PV**

Os cofres que são
verdadeiras obras
de arte **PVII**

“Trump representa o pior de cada americano”

Luísa Sobral lança o trabalho gravado em Los Angeles e não se surpreende com o sucessor de Obama. A música e o estatuto recente de mãe são temas em foco. **PII/III**





ENTREVISTA Luísa Sobral
Música

“Gosto muito de escrever para outros”

O quarto álbum da música chama-se “Luísa”, já está à venda e foi gravado em Los Angeles, nos lendários United Recording Studios. Teve músicos de luxo ao lado e adorou experiência.



Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Teve nomes importantes no novo trabalho, como Marc Ribot. Isso foi fundamental?

Sim, os músicos foram mesmo determinantes neste álbum, porque a música foi construída a partir deles, não havia arranjos para cada canção. Chegávamos ao estúdio, eu perguntava que tema queriam, por exemplo, o “I’ll be home with you tonight” – então chegava lá ao meio do estúdio, tocava para eles, tiravam um bocado de notas da estrutura da canção e, depois, cada um ia para a cabina de estúdio e criávamos juntos. Todas as canções são produto desta simbiose e da criatividade de cada um deles.

E resultou?

Resultou, foi incrível! Já tocam bastante juntos, é normal essa ligação. Para mim o incrível foi também eu conseguir entrar e, mais do que tudo, ouvi-los a inter-

pretar a minha música.

Foi a primeira vez nesse registo?

Sim. É engraçado porque, normalmente, é com a minha banda e acabamos por fazer um bocado os arranjos antes de definir o papel de cada um. Ali era livre, o produtor escolheu aqueles músicos para que cada um pintasse a música à sua maneira.

Essa experiência é para repetir?

Sim, agora só quero fazer assim, de repente foi tão bom que senti que a música ganhava vida com cada um deles e cada um deles dava o seu testemunho. Foi tão mágico que uma canção gravou-se logo ao primeiro ‘take’!

Também terá sido por estarem num estúdio tão emblemático como o United Record?

Sim, claro que tem mística...

É como se estivessem ali os espíritos de Ray Charles ou Ella Fitzgerald, por exemplo?

É incrível pensar que já gravaram ali... Não me deixo muito levar nem por nomes, nem por outras coisas. Mas gosto disso, é engraçado saber isso... Não sou é

dessas coisas de sentir ali a aura do Ray Charles – não senti nada! Agora, é incrível ver ali as fotografias, até porque são músicos, como o Frank Sinatra, que admiro imenso. É muito interessante embora pense que tudo contribuiu um pouco. O facto de ter

Não estamos num ponto cheio de coisas novas, mas as que já havia [na música portuguesa] estão cada vez melhores

saído de Portugal, indo para tão longe em Los Angeles e num estúdio incrível pelas pessoas que lá estiveram e pelas próprias condições, fez com que me concentrasse muito e houvesse aquela magia que já referi.

Como olharam para si? Como intérprete e compositora portuguesa?

De início, acharam que era brasileira [risos]... São espetaculares, embora estando numa geração acima da minha nunca senti que me olhassem como miúda ou músico amador, pelo contrário, senti muita admiração do lado deles. São muito humildes, adoraram tocar e não sentem que é preciso dizer já terem tocado com este ou aquele. As coisas surgem é ao longo das gravações: “Sabes, no outro dia, quando estava lá com o Bob...” E era o Bob Dylan. Ou se referiam a Tom e era o Tom Waits ou a Joni era a Joni Mitchell! Isso ia surgindo e mostrava a humildade deles.

E com o Marc Ribot?

Ao Marc Ribot mostrei coisas na

guitarra, comentei que aquilo era eu a tocar e ele dizia: “Não, tu tocas super-bem!” Eu não toco super-bem guitarra... Mas ele dizia que eu toco muito bem as minhas músicas, ninguém vai tocá-las melhor porque eu faço aquilo que é preciso para elas. Mesmo o Greg, o outro guitarrista, comecei a sacar as coisas dele para fazer o seu papel, enquanto o Mário Delgado fará de Marc Ribot. Quando comecei a ouvir o que fazia o Greg percebi que tocava o que eu toco por achar que fazia mais sentido. Eu dizia: “Podem fazer isto um bocadinho mais complexo.” E eles respondiam: “Porquê? A canção faz sentido como tu tocaste.”

No seu trabalho prefere ser compositora, tocar ou cantar?

Não sei, gosto de tudo ao mesmo tempo. Gosto muito de cantar, mas adoro compor, não consigo dizer daquilo que gosto mais. Por exemplo, estive a ouvir muito Leonard Cohen de manhã, queria fazer uma versão e estive feliz a cantar; à tarde, posso ser a Luísa compositora e ficar con-



Fotos cedidas pela editora

para a música naquele momento. **Como lembra a presença no Jools Holland de 2012?**

Adorava o programa, vi lá muitos artistas de quem gostava. Era um bocadinho aquela perspectiva do sonho difícil. Lembro-me de dizerem que era possível porque tenho uma produtora inglesa. Só que há algo que uso como espécie de proteção: se surge alguma coisa muito boa não acredito a 100% que aconteça para não ficar triste se falhar. Com o Jools foi assim. De repente, ligaram a dizer que ia e fiquei maluca! Foi uma experiência espectacular!

Está mais próxima do jazz ou os géneros são pouco importantes?

É preciso que nos ouçam e façam a sua avaliação. Sempre disse que os géneros musicais só servem para arrumar as lojas.

Gosta mais de compor para outros artistas ou prefere fazer versões?

Gosto muito de escrever para outras pessoas, não tem acontecido tanto como queria e quero escrever mais. Às vezes não sou vista tanto nessa perspectiva e tenho de insistir e enviar mais canções para outros. Dá-me um gozo enorme ouvir outras pessoas cantarem o que escrevo. Talvez goste até mais disso do que de transformar outras canções, adoro ouvir as minhas palavras cantadas por outros, gosto de ver as minhas palavras ganharem vida e outra história em vozes diferentes.

O que costuma ouvir?

Vai variando muito. Tenho andado a ouvir o disco da Rita [Redshoes] no carro e, enquanto estive grávida, ouvi muito o último dos Deolinda. Adoro o disco! Tem uma canção do ponto que eu passo-me! “Estava um ponto sozinho no mundo” – adoro essa letra, é tão bonita! São dois pontos que se apaixonam “e, como são dois pontos, eu digo que foi pontaria”! Adoro esta frase! Apeteceu-me mandar uma mensagem ao Pedro [Silva Martins] a dizer: “É tão queridinha esta frase!” É engraçado, temos muitos tipos diferentes de escritor: o Pedro, que faz essas habilidades, mas também o Miguel Araújo, um bocadinho um João Monge mais novo ou um Carlos Tê, que falam muito da vida mundana, de uma forma super-poética, é lindo ter compositores que olham o mundo de maneira diferente.

Em que ponto está a música portuguesa: dinâmico ou estagnado?

Sinto que não estamos num ponto cheio de coisas novas, mas as que já havia estão cada vez melhores. Por exemplo, o Zambujo, o Araújo, os Deolinda, a Moura, a Carminho, a Rita, penso que estão a apurar-se, cada coisa que fazem é melhor do que a anterior. É tipo o vinho...

E a Luísa, está cada vez melhor?

Oh, espero que sim! Gostava de me inserir nesses nomes. A ideia é ir sempre melhorando, espero também ser como o vinho! ■

“Marcelo é motivo de orgulho enorme”

Como interpreta o papel que Marcelo tem desempenhado?

É, finalmente, um presidente. Os presidentes têm sido demasiado passivos, ele tem uma energia que lhe permite estar em todo o lado, é preocupado, quer saber. Claro que o papel do Presidente da República em Portugal é quase o de mero representante do país, mas isso também é porque se acomodam um bocado. Marcelo quis ser mais ativo, mais participativo, é muito humano. Já estive com ele algumas vezes e consigo ser muito concentrado e dedicado, é muito culto e inteligente. Tenho um orgulho enorme por Marcelo representar o meu país, sempre gostei muito dele, não podíamos ter feito uma escolha melhor.

Vê qualidades das quais se orgulha em Guterres?

Não sei, tenho de ver o que vai acontecer. Claro que algumas sim, embora não seja o mesmo tipo de pessoa que é Marcelo. É admirável, mas a outro nível.

Como analisa o Governo em Portugal?

Estou um bocado preocupada, porque todas estas medidas de não subir impostos vão cair-nos em cima mais tarde. O que estava a ser cortado antes tinha um propósito, estávamos a pagar uma dívida. Estavam a ser demasiado duros? Não é isso que dizem lá fora. Parece-me que estão a tentar iludir-nos e a talhada vai ser muito maior. Depois vem outro Governo e culpa o anterior quando estes já estiverem com umas reformas ótimas ou a trabalhar numa empresa qualquer e a ganhar muito dinheiro.

A União Europeia é um espaço de bem comum?

Sim, seria muito mais difícil para nós se não estivéssemos na União Europeia, sinto-me mais segura, embora possam dizer que estou a ser naïve.

E a crise dos refugiados?

Todos os dias, nos telejornais, surgem vídeos de famílias que morrem nos barcos. Quase não posso ver, ainda por cima nesta fase em que fui mãe, ver bebés que morrem nos barcos, tem sido horrível, faz-me ficar triste e chorar. As imagens são explícitas, mas assim as pessoas percebem melhor a gravidade da situação. Tenho mesmo sorte pelo sítio onde nasci, porque estas pessoas arriscam tudo por um futuro melhor – como podemos associar isso ao crime? As pessoas estão em sofrimento! Claro que deve haver um controlo sobre quem entra, mas as pessoas

estão a lutar por um futuro melhor. Não consigo perceber como alguns querem fechar as portas a estas pessoas. Fazem isso porque têm dificuldade em colocar-se na pele de outros. O problema dos refugiados é que as pessoas associam-lhes o que se está a passar, acabam por ter medo e deixam de ser racionais, não se sentindo mal por votarem a favor de quem queira fechar fronteiras.

O que lhe trouxe o facto de ter sido mãe?

Trouxe-me muito mais paciência! Consigo controlar muito mais o meu stress – no início, sentia muito a necessidade de não passar a minha ansiedade quando ele estava a chorar com dores ou cólicas. Tinha de conseguir que o meu coração batesse normal. Além disso, vai ajudar-me nos nervos de palco e, mais do que tudo, ajudou-me nas prioridades da vida. Por exemplo, sempre discuti muito com o meu irmão ou com a minha mãe, mas, desde que o Zé nas-

Seria muito mais difícil para nós se não estivéssemos na União Europeia e sinto-me mais segura, embora possam dizer que estou a ser naïve

ceu, isso mudou, porque há coisas que não valem a pena e sou uma pessoa mais calma.

Para que serviram os estudos nos Estados Unidos?

Foram cruciais para a música que sou hoje. Aquela escola é de música contemporânea, cada pessoa que entra tem o seu estilo e todos se misturam. Lembro-me de estar numa aula de jazz e, ao lado, estar outra de heavy metal! Há de tudo um pouco, tal como as pessoas que vêm do mundo inteiro. Foi super-enriquecedor no plano pessoal e musical. E foi importante ter um período em que vivia só de música porque, depois, a vida não é assim. Os professores foram incríveis, tive espaço para me descobrir e definir a minha identidade artística nessa espécie de busca musical.

Aproveitando o conhecimento que tem dos EUA, como olha para a eleição presidencial?

Vivi em Boston e Nova Iorque, o litoral é totalmente diferente. Quando tinha 16 anos fiz um ano de intercâmbio numa pequena cidade do estado de Nova Iorque, muito diferente das outras. O meu pai de acolhimento era muito o típico americano com pouca instrução e lembro-me de dizer que votava no Bush porque ele permitia armas. Ver o Trump ganhar não me surpreende muito, porque muitos americanos querem o que ele defende, há uma grande percentagem que não tem coragem para dizê-lo e, depois, vota nele. Muitos não querem lá os muçulmanos e estão com medo, querem armas e, se calhar, têm um pouco de vergonha porque sabem que isso não é o mais indicado. Também é certo que a Hillary não era uma candidata fortíssima, tinha telhados de vidro e não tinha logo a nossa simpatia como Obama, além do problema do marido e da história dos emails. Estou é preocupada com o que a vitória dele significa, porque, se Obama representa tudo o que de bom há nos americanos, Trump representa tudo o que há de mau nos americanos.

Receia reflexos nas eleições de França e Alemanha em 2017?

Esta tendência de direita é mundial, as pessoas estão com medo.

Qual é o papel da música?

Há várias formas, entre elas a da música de intervenção, embora eu não faça muito isso. A minha forma é tocar com pessoas de várias países e mostrar que a música vai além dessas coisas. Quero lá saber se alguém é árabe – interessa-me é saber que é músico. ■

tente. Não consigo isolá-las, seria como querer ter personalidade múltipla quando fazem todas parte da mesma.

Precisa dessa atividade todos os dias?

Não, mas talvez devesse. Nos últimos tempos não tenho conseguido exercer muito, porque fui mãe há quatro meses e dedico-me mais a cantar para o meu filho, mesmo que não sejam canções de embalar.

E resulta para ele?

Sim, adormece bem. Também acontece muito, no período depois de sair um disco, não ser muito produtiva. Sou muito mais produtiva na estrada, porque estou quase a viver a música 24 horas por dia do que estando em casa, onde posso distrair-me com receitas para o jantar. Muitas canções destas foram compostas na estrada: a primeira, “Alone”, foi num quarto de hotel em Washington; “I’ll be home with you tonight” foi quando estava no sound check na Alemanha. E isso porque estou mais a viver

CINEMA

A estreia de Ewan McGregor apoiado em Philip Roth

Ator assume também o papel de realizador. “Uma História Americana” parte da obra do eterno candidato ao Nobel da Literatura.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Logo na estreia como realizador, o ator escocês Ewan McGregor torna-se centro das atenções não só por adaptar uma obra de Philip Roth (“Pastoral Americana”), distinguida com o Pulitzer, mas também porque logo surgiram críticas positivas e outras arrasadoras.

Nesta história que passou no Lisbon & Estoril Film Festival sobre uma família que é perfeita até ao momento em que não o é, ou seja, um roteiro de aparências que iludem, o argumento foi escrito por John Romano e a estreia mundial aconteceu em setembro passado, no Festival de Toronto.

McGregor, que olha o drama da perda de uma filha para o radicalismo político como metáfora da saída de casa da sua pró-



Estreia mundial do filme aconteceu no mês de setembro, durante o Festival de Cinema de Toronto

pria filha de 20 anos, conforme contou ao “Deadline Hollywood”, assumiu o projeto entre deixar a peça “The Real Thing” na Broadway e voltar a ser dirigido por Danny Boyle em “Trainspotting 2”.

Género: Drama; **Realizador:** Ewan McGregor; **Elenco:** Ewan McGregor, Jennifer Connelly, Dakota Fanning; **País:** EUA; **Duração:** 126m.

ESTREIAS

Ela



Philippe Djian escreveu “Oh...” em 2012 e este filme do realizador holandês de obras como “Delícias Turcas”, “Showgirls”, “Soldados do Universo”, “O Homem Transparente” ou “Livro Negro” inspira-se diretamente nessa obra. Uma mulher que desempenha altos cargos empresariais é violada por um mascarado, mas não participa o caso às autoridades, optando por planear a sua própria vingança. Esta é mais uma das obras que passaram por antecipação no Lisbon & Estoril Film Festival, cujo prémio para melhor filme foi entregue a “The Last Family”, de Jan P. Matuszynski, também agraciado com o galardão para melhor realizador.

Género: Thriller; **Realizador:** Paul

Verhoeven; **Elenco:** Isabelle Hupert, Laurent Lafitte, Anne Consigny; **País:** Alemanha/França/Bélgica; **Duração:** 130m.

Sozinhos em Berlim



Do mesmo realizador de “Depois da Noite” e “Na Tua Pele”, o filme baseia-se na situação real do casal formado por Otto e Elise Hampel durante a II Grande Guerra e na obra escrita por Hans Fallada logo em 1947. Perdendo o filho em combate pela Alemanha de Hitler e pouco depois de concretizada a ocupação nazi em França, o casal decide desencadear uma campanha de contestação ao ditador. **Género:** Guerra; **Realizador:** Vincent Pérez; **Elenco:** Emma Thompson, Brendan Gleeson;

País: Alemanha/Grã-Bretanha/França; **Duração:** 103m.

Reféns do Medo



Uma psicóloga infantil a viver nos Estados Unidos, longe do cosmopolitismo das principais cidades, é confrontada com uma série de medos em função do desaparecimento de uma criança que estava a tratar. E, por entre todos esses receios e assombrações, percebe que não está a ser levada a sério e estão a olhar para ela como se tivesse enlouquecido.

Género: Thriller; **Realizador:** Farren Blackburn; **Elenco:** Naomi Watts, Charlie Heaton, Jacob Tremblay, Oliver Platt; **País:** Canadá/EUA/França; **Duração:** 130m.

LIVROS

“Sou eu mais livre, então”, de Luaty Beirão (Tinta da China)

“Um testemunho único da resistência em pleno século XXI”, como explica a editora, sobre o que viveu o ativista Luaty Beirão na prisão de Calomboloca. Luaty e outros 16 ativistas foram detidos em junho de 2015 porque estavam a ler “Da Ditadura à Democracia”, escrito por Gene Sharp e questionavam em termos públicos a liderança de José Eduardo dos Santos. Seguiu-se greve de fome de Beirão durante 36 dias em que a sua vida correu muitos riscos.



“A Vida e a Morte dos Nossos Bancos”,

de Helena Garrido (Bertrand-Contraponto)



BES, BPN, Banif: em comum a queda e o gigantesco peso que esse facto implica para os portugueses. A obra da jornalista – que tem um longo percurso profissional desde 1986 na área em causa – trata a crise do setor bancário e financeiro em Portugal de um modo claro. Um retrato que refere histórias e acontecimentos fora do âmbito público para se compreender melhor como se chegou aqui.

“Polícia”, de Jo Nesbo (D. Quixote)

Um assassino nas ruas de Oslo assume a cuidadosa seleção dos alvos a abater, centrando as atenções nas autoridades. No 10º livro da série Harry Hole, o inspetor e a Brigada Anticrime enfrentam desafios de enorme exigência. Nesbo, que está traduzido em mais de 40 idiomas e já vendeu acima de 28 milhões de livros, é músico e economista, tendo sido galardoado pelo Parlamento norueguês.



“Viagem ao Cáucaso”, de Leonor Janeiro (Zest Books)



Um diário gráfico da *urban sketcher* Leonor Janeiro, abordando a sua viagem de 12 dias pela região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio. Arménia, Azerbaijão e Geórgia, com as suas paisagens e trunfos que integram o cada vez mais delapidado Património da Humanidade, num desfile de pessoas, monumentos, praças, jardins e sabores emblemáticos por quem teve oportunidade de conhecê-los in loco.

“A Ira de Deus sobre a Europa”,

de J. Rentes de Carvalho (Bertrand)

O autor já foi distinguido com o Grande Prémio de Literatura Biográfica APE por “Tempo Contado” (2013) e com o Grande Prémio da Crónica APE em função da obra “Mazagran”. Agora aproveita a situação de crise à escala europeia na atualidade para traçar pontos de contacto com a Europa de há cinco décadas. Os perigos e as ameaças à espreita de todos nós no dia-a-dia, enumerados com frieza.



LIVRO

“O Novo Czar” ou a ascensão de Putin e as suas motivações

Norte-americano veio a Lisboa apresentar a primeira obra. A ideia é “não elogiar nem demonizar” o “líder mundial com maior controlo individual sobre os destinos do seu país”.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Jornalista do “New York Times” há 27 anos, sete dos quais passados na Rússia como correspondente, Steven Lee Myers veio a Lisboa apresentar a sua estreia na escrita de livros. Com “O Novo Czar – a Ascensão e o Reinado de Vladimir Putin”, procura traçar o retrato do líder russo desde os tempos de pobreza extrema em Leninegrado até ao topo da hierarquia.

O facto de ser norte-americano não o leva a recear que o livro seja desacreditado. “Penso que fiz todos os esforços para tratar Putin de forma justa e objetiva, eliminando muita da mitologia construída ao redor da sua presidência”, explica. “Uma das razões para escrever este livro foi por ter sentido que muitas das obras escritas sobre ele ou sobre a Rússia eram a favor ou contra. Quis escrever uma que não elogiasse nem demonizasse Putin, antes explicando-o de um modo que tornasse claras as suas motivações.”

Sobre a possibilidade de o presidente russo ter comparação com alguma outra personalidade histórica, Myers comenta: “Analogias históricas podem ser enganadoras, uma vez que líderes como Putin são, em grande parte, uma criação do seu próprio tempo e espaço. Podem compará-lo a Estaline e outros líderes soviéticos, muitos o fizeram, mas também podem ser apontadas muitas razões pelas quais ele nada tem a ver com Estaline”, refere.

“Usei ‘O Novo Czar’ como título porque me parece que Putin encontra inspiração na tradição e história da Rússia imperial – conforme fez Yeltsin antes, embora de um modo diferente –, bem como na história e tradição da União Soviética. Creio que é uma figura única, tendo mais controlo individual sobre os destinos do seu país do que qualquer outro líder à escala mundial.”

Questionado acerca da forma como a Europa e os Estados Unidos deveriam ter agido face à anexação da Crimeia por parte das forças russas, o norte-americano indica: “Não me compete dizer o que deveriam ter feito. Havia ou-

tras opções, incluindo o recurso à força para reverter as ações da Rússia, tal como as Nações Unidas autorizaram depois de o Iraque invadir e anexar o Kuwait em 1990, mas não me parece que existisse consenso sobre um confronto militar com a Rússia. Surpreendente é que os Estados Unidos, a Europa e outros países se mantivessem juntos na imposição de sanções à Rússia pela anexação e continuação de operações militares no leste da Ucrânia. Assinalo que muito poucos países reconheceram a Crimeia como parte do território russo, mesmo países muito próximos da esfera de influência russa.”

Quanto à eleição de Donald Trump como próximo presidente dos EUA e às mudanças que isso pode implicar, Steven Lee Myers mostra-se cauteloso. “Só toma posse a 20 de janeiro e deverá representar uma mudança radical em termos de liderança pelo temperamento, pela forma de fazer política e pelas próprias políticas que pretende aplicar. Por enquanto, sabemos ainda muito pouco sobre aquilo que quer, portanto é difícil perceber até que



“O Novo Czar – A Ascensão e o Reinado de Vladimir Putin”

Edições 70
Preço: 31,90 euros
670 páginas



Michael Lonstar

Jornalista norte-americano admite que “um acordo entre Donald Trump e Vladimir Putin será mais difícil” do que pensa o milionário.

ponto serão radicais ou bem-sucedidas as suas alterações.”

Em seguida, o jornalista aponta: “Penso que o seu foco inicial estará dirigido a questões internas e à economia, englobando a descida de impostos, mais do que em relação à segurança nacional ou à política externa. Mas prometeu repensar acordos de comércio, apoio externo e até alguns dos acordos com países aliados. E, quer queira, quer não, vai ter de lidar com as crises mundiais, começando já pela guerra na Síria. A presidência de George W. Bush também começou concentrada em questões internas e nos cortes dos impostos e tudo isso se modificou com os ataques do 11 de setembro”, lembra.

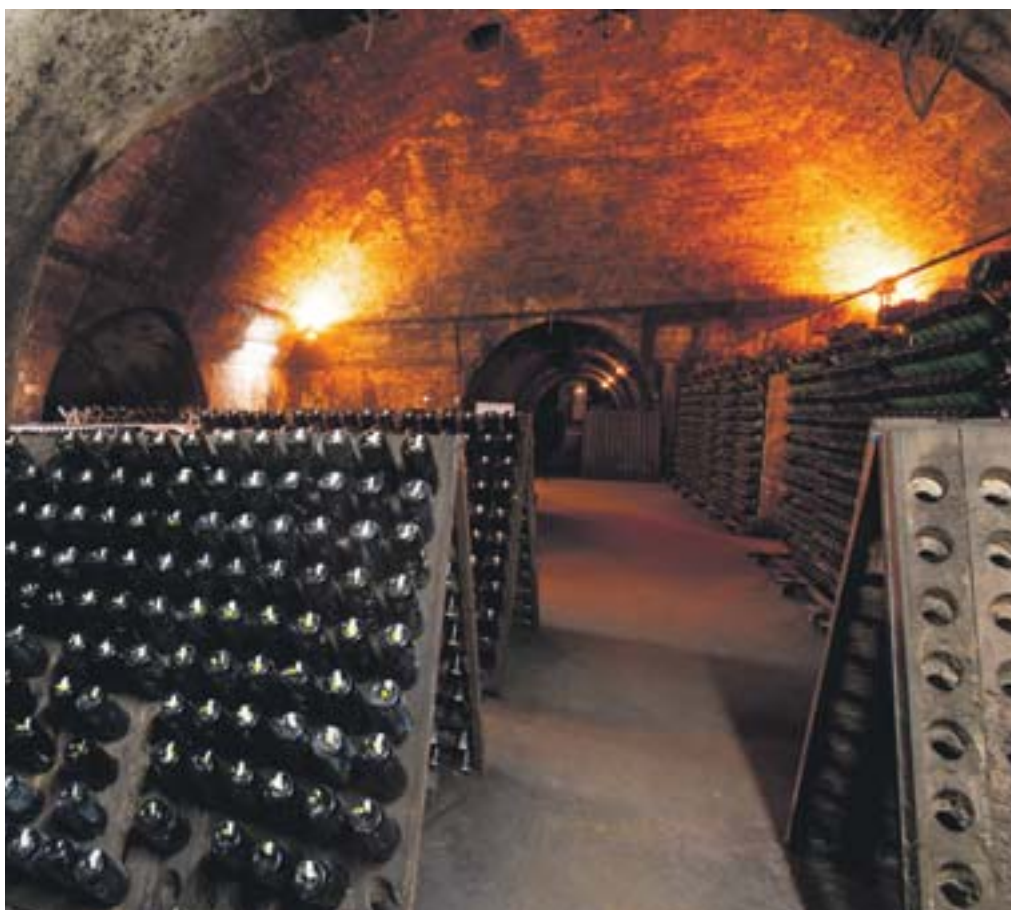
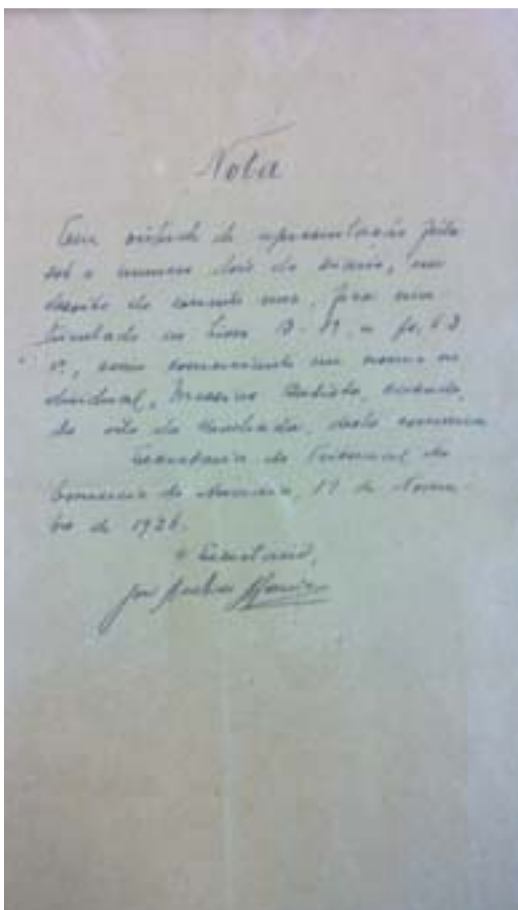
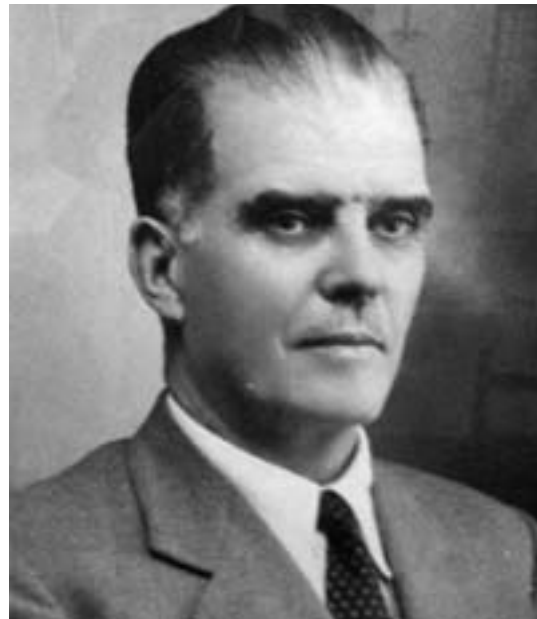
Em relação aos perigos para a Europa que podem representar Putin e Trump em simultâneo, Myers deixa uma avaliação repartida. “Putin deixou bem claro que olha a NATO e a União Europeia como hostis aos interesses da Rússia. Também deixou bem claro que irá defender os interesses da Rússia naquilo a que chama a vizinhança próxima, mesmo através do recurso a força, conforme se viu na Crimeia e no leste da Ucrânia. Isso coloca em perigo o consenso geral saído após a Guerra Fria e o resultado foi uma resposta da NATO que incluiu o reforço nos estados bálticos e noutros pontos do leste europeu. As operações militares ao longo da nova

cortina de ferro, se assim pode designar-se – aéreas, navais, através de exercícios surpreendentes, o reforço de meios em Kaliningrado ou no Ártico – são muito perigosas.”

De Trump, o escritor diz: “Elogiou Putin e, pelo menos de forma indireta, levantou questões sobre a NATO, mas não me parece que tente desmantelar uma aliança que tem sido âncora da segurança americana e europeia ao longo de mais de meio século. Será interessante perceber se Trump poderá, como prometeu, fazer um acordo com Putin que resulte na diminuição das tensões. Creio que poderá tornar-se mais difícil do que Trump pensa.” ■



Fotografia com RA



“Era uma pessoa austera que geria os negócios com enorme rigor. Um visionário que nos deixou um enorme legado” diz, referindo-se aos armazéns que mandou construir em Vila Nova de Gaia e onde, desde meados da década de 30 do século passado, mantinha um espólio nunca inferior a duas mil pipas de vinhos do Porto velhos. “Não tenho conhecimento de ninguém, nem mesmo os maiores do mercado como a Symington, a Sogrape ou a Taylors, com um espólio de vinhos de Porto como o nosso.” É o que permite à Messias ter hoje no mercado vários Colheita preciosos. Só dos anos 60 têm seis: 60, 62, 63, 64, 66 e 68. Ou um Porto com idade “mais de 40 anos”, como pode ler-se na garrafa.

Hoje a Messias comercializa ou produz vinhos de quase todas as regiões do país, embora a fatia de leão esteja nos vinhos do Porto, com cerca de 60% do negócio que totalizou, no ano passado, 8,5 milhões de euros “ou quatro milhões de garrafas”.

Outro setor importante são os vinhos espumantes, com 10% do volume. “Nos últimos anos a Bairrada perdeu importância e caímos ainda mais. É um setor onde pretendemos crescer, tal como a região, apostando sobretudo nas gamas média e alta.” Depois o negócio estende-se aos vinhos DOC, no Douro (Quinta do Cachão), Bairrada (Quinta do Valdoeiro) e Dão (Quinta do Penedo). Sintomaticamente, produzem também o Triunvirato, um vinho tinto com uvas destas três quintas. Os vinhos verdes ocupam também um lugar de destaque, sobretudo na exportação, embora neste caso o negócio se faça com vinhos comprados e não produzidos internamente.

José Vigário e o seu irmão Messias Vigário representam a terceira geração à frente da empresa, mas no conselho de Administração existem já três elementos da nova geração. A família está bem ciente dos riscos de gerir um negócio nesse modo, “sobretudo se não existir capacidade de gestão na família”. José Vigário acrescenta: “Foi já para nos precavermos que decidimos criar várias direções técnicas, geridas por pessoas de fora.”

Ainda assim, José reforça que as vantagens ultrapassam largamente os riscos “porque existe uma paixão e um empenho muito superiores. Está em causa um legado que todos querem defender”. E que é para continuar: “Espero que, daqui por dez anos, no nosso centenário, seja já a quarta geração a estar em pleno à frente da empresa e a dar os primeiros passos para integrar também a geração seguinte.” ■

GOURMET

O Messias do Vinho

Faz amanhã 90 anos que Messias Baptista fundou uma das grandes empresas de vinho de Portugal. Com espólio vínico sem paralelo, a Messias continua nas mãos da família que a fundou.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

Em 1926, o dia 19 de novembro calhou a uma sexta-feira. Foi, pois, a uma sexta, há precisamente 90 anos, que Messias Baptista se estabeleceu, na secretaria do Tribunal do Comércio da Anadia, como comerciante em nome individual – como se pode ver pela escritura em cima. Na segunda-feira seguinte

festejou o 35º aniversário, começando a trabalhar na empresa que tinha acabado de fundar. Três anos depois era já o maior fornecedor das aguardentes vínicas que fortificam o vinho do Porto e, aos poucos, foi adquirindo quintas na Bairrada natal e no Douro, tornando-se também produtor.

José Vigário é atualmente o presidente do conselho de administração da Messias. Com 66 anos, este neto de Messias Baptista é o decano da família na

“Não tenho conhecimento de ninguém, nem mesmo nos maiores do mercado, com um espólio de vinhos do Porto como o nosso”

gestão da empresa, para a qual entrou há 43 anos, tendo chegado ainda a trabalhar com o avô, embora por pouco tempo.

Messias Baptista manteve-se à frente da empresa praticamente até à data do seu falecimento, em 1974, aos 83 anos. José Vigário recorda-se de como o avô, mesmo não sendo um viticultor, esteve sempre próximo da produção: “Não havia dia em que não fosse às vinhas. Aqui na Bairrada ou no Douro, que também visitava com muita frequência.”



Fotos cedidas pela marca

À semelhança da moda, a Buben & Zorweg lançou um novo serviço de personalização para ir ao encontro do gosto de cada cliente.

TECNOLOGIA

Uma galeria muito pessoal

Os cofres da Buben & Zorweg não foram feitos para estar escondidos num armário, mas para exibirem os tesouros que guardam. Sobretudo agora que lançaram um serviço por medida.

Bruno Lobo
blobo@jornaleconomico.pt

O nome Buben & Zorweg pode não dizer muito ao comum dos mortais, mas os colecionadores de relógios, arte ou joalheria, conhecem-no bem. Assim como os grandes ladrões internacionais, já que incorporam os mais avançados e seguros sistemas de proteção da indústria, como detetores de infravermelhos, vidros e portas à prova de *rockets* e mais coisas do género.

Entre as 20 maiores empresas alemãs na área do luxo, a Buben & Zorweg especializou-se sobretudo em criar cofres especiais, destinados a exibir e proteger os seus bens mais preciosos. Que, não raras vezes, são as peças mais bonitas e não deviam estar escondidas em algum lugar escuro, mas à vista de todos. Ou, pelo menos, de todos aqueles com quem as quiser partilhar.

A multifuncionalidade é outra característica importante da

da B&Z: os vidros podem ser escurecidos ao toque de um botão, os compartimentos podem surgir ou esconder-se da mesma forma. As luzes podem ser configuradas para incidir aqui ou ali, bem como a sua intensidade. Podem duplicar como sistema de som ou relógio de pé.

Cerca de um quarto dos co-



Evolução tecnológica

A B&Z especializou-se na criação de cofres para colecionadores e cada peça oferece os mais avançados sistemas de proteção

fres da Buben & Zorweg são encomendas especiais, como conta o co-fundador da marca, Harald Buben, dando o exemplo de um cliente que quis o seu cofre “com a pele e as costuras iguais às do Bentley descapotável que tinha acabado de comprar”.

Por isso, a marca, pegando no exemplo da indústria de moda, criou agora um serviço de personalização, permitindo a cada cliente participar efetivamente no design do cofre de uma forma muito mais simples e rápida.

A marca oferece um leque de 10 peles diferentes, assim como 10 acabamentos em lacaço, e as opções de cores vão desde o Branco Ártico ao Vermelho Diabolo, passando pelo Castanho Havana, Grafite e Verde Esmeralda, entre outros.

O tempo de manufatura é reduzido para 12 semanas, pelo que já pode encomendar um cofre que ligue com a decoração da sala, quarto ou escritório, sem ter de ficar vários meses à espera. ■

LUXO

Os Óscares da relojoaria

O título é um pequeno exagero, mas todos os anos um grupo de relojoeiros, joalheiros, comerciantes e imprensa especializada junta-se em Genebra para escolher os melhores relógios do ano.

O *Grand Prix d'Horlogerie de Genève* escolhe relógios submetidos a concurso em 15 categorias diferentes. Já foram menos, o número tem aumentado num reconhecimento de que a relojoaria e as suas artes são realmente ricas e diversificadas.

A categoria mais cobiçada é o *Aiguille d'Or* ou “ponteiro de ouro”, uma espécie de melhor entre os melhores. O vencedor foi o *Chronométrie Ferdinand Berthoud FB1*, um relógio com uma caixa octogonal, mas um mostrador circular, que deixa antever a simetria com que foram criados o turbilhão e a corrente de força constante.

Os outros destaques vão para o *Piaget Limelight Gala Milanese Bracelet*, que venceu o prémio *Relógio Feminino* pela forma elegante como a bracelete em

malha milanese se funde com a caixa. O *MB&F Legacy Machine Perpetual* venceu o *Melhor Calendário* pela forma inovadora como criou e apresentou um novo calendário perpétuo. O *Royal Oak Concept Supersonnerie* da Audemars Piguet recebeu o prémio de *Excepcionalidade Mecânica* por ter levado a acústica a um nível nunca visto num relógio de pulso.

Na Chanel, o *Secret Watch Signature Grenat* recria o típico *tweed* da marca mas com diamante e safiras. Venceu, naturalmente, o *Melhor Relógio Jóia*. O *TAG Heuer Monza Chronograph* é uma recriação de um relógio que Jack Heuer criou para celebrar o primeiro título de campeão de Niki Lauda ao volante de um Ferrari. Por isso venceu o *Relógio Revivalista*. ■ BL

Aiguille d'Or

Chronométrie Ferdinand Berthoud FB1



Relógio Feminino

Piaget Limelight Gala Milanese Bracelet



Melhor Calendário

MB&F Legacy Machine Perpetual



Excepcionalidade Mecânica

Audemars Piguet Royal Oak Concept Supersonnerie



Relógio Jóia

Chanel Secret Watch “Signature Grenat”



Relógio Vintage

TAG Heuer Monza Chronograph

ROTEIRO

LISBOA

22: The Cure – MEO Arena, 20h00.

Robert Smith (voz e guitarra), Simon Gallup (baixo), Jason Cooper (bateria), Roger O'Donnell (teclas) e Reeves Gabrels (guitarra) estão na maior digressão do grupo desde 2008 – “The Cure Tour 2016” passa por 17 países da Europa com 30 espetáculos e um património constituído por 37 anos de canções. Oportunidade para voltar a ouvir os diversos sucessos de um agrupamento marcante. Como apoio inclui a banda The Twilight Sad.



18: Coro de São Carlos: Dois Séculos de Canto e Devoção – Igreja de São Roque, 21h00.

O coro feminino do Teatro Nacional de São Carlos vai atuar num concerto que faz parte da 28ª temporada de música de São Roque. Sob a direção de Giovanni Andreoli e acompanhado no órgão por Kodo Yamagishi, o coro vai interpretar diversas obras. Do Salmo 23, D 706, composto em 1832, por Franz Schubert, à “Messe Basse”, de Gabriel Fauré (1881), passando pelas “Litanies à la Vierge Noire”, de Francis Poulenc (1922) e culminando com a “Salve Regina” de Eurico Carrapatoso (2007).

18: Apresentação do livro “Mota Pinto. Biografia” – Fundação Calouste Gulbenkian, auditório 3, 19h00. Marcelo Rebelo de Sousa preside à cerimónia.

19: Memória e Distopia em Pynchon Park – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, 17h00.

19: Carminho ao vivo em Odíveas – Pavilhão Multiusos, 21h30.

19: Agir – Coliseu dos Recreios, 20h00 (data extra).

Atuação com base nos trabalhos “Agir” (2010) e “Leva-me a Sério”, este editado no ano passado e composto por 19 canções. Em comum o sucesso de um artista com música de tendência urbana.

20: O Dia Seguinte II – Mozart (concerto para flauta e harpa, KV 299/297c) – Teatro Thalia, 11h00. Nuno Inácio (flauta e direção

musical) e Carolina Coimbra (harpa) numa iniciativa da Orquestra Metropolitana que tem sido coroada pelo sucesso: no limite dos lugares disponíveis, os espectadores ocupam vagas entre os músicos, percebendo melhor como soa e funciona por dentro a estrutura de uma orquestra. Preço: sete euros.

20: Workshop de Tango Argentino – ImagineGo, Rua Cais das Naus, 12, em Lisboa, 17h00. Com a professora Yolanda Rebelo e um convidado especial.



20: Lançamento de “Paula Rego por Paula Rego”, de Anabela Mota Ribeiro – Casa das Histórias Paula Rego, em Cascais, 16h00.

Bernardo Pinto de Almeida (poeta e crítico de arte), André Teodósio (encenador) e Manuela Correia (psiquiatra) apresentam a obra.

20: Emil Tabakov: Concerto Sinfónico “Evocação” – Grande Auditório do CCB, 17h00.

Sob a direção de Tabakov, Pedro Meireles (violino), Kyril Zlotnikov (violoncelo), António Rosado (piano) e a Orquestra Sinfónica Portuguesa interpretam obras de Ludwig van Beethoven (Triplo Concerto em Dó Maior, op. 56) e Sergei Rachmaninoff (Sinfonia n.º 2 em Mi menor, op. 27).

20: Jack Broadbent – Pequeno Auditório do Centro Cultural de Belém, 21h00.

Um cantor que é, em simultâneo, prodígio da ‘slide guitar’ no

universo dos ‘blues’ com influências como as de Peter Green, Jimi Hendrix, Crosby, Stills, Nash & Young, Robert Johnson ou John Lee Hooker.

20: Heather Woods Broderick+Folclore Impressionista – Igreja dos Ingleses, Rua de São Jorge à Estrela, 6, 18h30. Preço: oito euros.

PORTO

18: Seminário: As Invasões Francesas na Cidade do Porto – Forte de São João, 9h00.

O evento é apoiado por Instituto da Defesa Nacional e União das Juntas de Freguesia de Nevogilde, Foz e Aldoar.

18 e 19: Trinta Anos do Código das Sociedades Comerciais – Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade do Porto, 9h30.

De 18 a 1/12: World Press Photo – Fórum da Maia, de terça a domingo, das 9h00 às 22h00.

O fotojornalismo em todo o seu esplendor, referindo-se a uma edição em que o principal galardão foi entregue ao australiano Warren Richardson em função do trabalho junto dos refugiados durante uma vivência de duas semanas. Entre os premiados encontra-se o português



Mário Cruz, fotojornalista na agência Lusa, com o trabalho a propósito da escravatura de crianças no Senegal e na Guiné-Bissau.

TROFA

19: Deolinda – Parque Nossa Senhora das Dores e Dr. Lima Carneiro, 21h30.

Antes dos Coliseus no começo do próximo ano – em Lisboa no final de janeiro e no Porto no começo do mês seguinte –, a banda prossegue a digressão com esta atuação e outra, na Penha de França, agendada para 10 de dezembro. Altural ideal para ouvir o álbum mais recente, “Outras Histórias”, mas também vários sucessos que a banda já acumulou. Recorde-se que a digressão arrancou em fevereiro, pouco depois da saída do álbum, na Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão.



20: Workshop de Bombons, Especial Natal – Work – espaço criativo, das 10h00 às 13h00. Uma ótima oportunidade para aprender como se fazem bombons, recorrendo a chocolate belga Callebaut. No menu estão técnicas de temperagem dos três tipos de chocolate; de enchimento do molde; de rechear de desmoldagem e de transfer de desenhos no bombon.

Até 20: Alameda Market – sexta-feira, entre as 11h30 e as 23h00; sábado e domingo abre à mesma hora e encerra às 24h00. Há um ciclo de cinema promovido pelo Lisbon Motorcycle Film Fest com sessões contínuas das 11h30 até à noite. Moto Guzzi, Dusty Track, Yamaha/Akymoto, Motorcycle Boy, WLROD, Capêlo's Garage, Dream Wheels Heritage, It Rocks Bikes, LxMFF (Lisbon Motorcycle Film Fest) e BMW Motorrad/Antero & Filhos são as marcas presentes.

ALGARVE

19: Workshop de Música Africana – Portas do Sol, Sítio da Bemposta – Portimão, das 10h00 às 13h00.

A iniciativa é da Ideias do Levante – Associação Cultural de Lagoa, em parceria com a Sonarsis – Artes do Som, sob orientação de Arantxa Joseph.

19: Livros Abertos – Biblioteca Municipal de Loulé – Sophia de Mello Breyner Andresen, das 15h30 às 18h00, com Sofia Sousa.

24: Meditação com Taças Tibetanas – Centro Nenúfar, em Portimão, com Ana Machado e Cláudia Ferreira, das 20h00 às 22h00. Valor de troca: 10 euros.

COIMBRA

20: The Walks – FNAC, 17h00.

19: Best Youth Demo Tapes – Salão Brazil, 22h30. Preço: oito euros.

SETÚBAL

18: Bruce Springsteen Night, by Diangelo – Barreiro, Vitoriana at Penicheiros, 22h00.

19: Trekking na Serra do Risco – Píncaro e Marmitas do Gigante – encontro às 9h00 em Sesimbra, Rua Cova de Aldeia (junto do campo de futebol).

MADEIRA

19: Fado e o Mar que nos Une – Município da Ponta do Sol, Centro Cultural John Dos Passos, 22h00. Preço: 10 euros.

UISEU

24: Seminário “Rostos da Violência” – O lado feminino. Aspectos psicológicos da violência – Instituto Piaget, das 9h30 às 12h30. Participam Angela Donato Oliva e Eliane Mary de Oliveira Falcone, doutoradas na Universidade do Rio de Janeiro.

BRAGA

19: Bâcoro, Teatro da Palmilha Dentada – Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão, 21h30. Com os atores Ivo Bastos, Nuno Preto e Rui Oliveira.

AÇORES

19: Festival de Orquestras de São Miguel – Ribeira Grande, Teatro Ribeiragrândense, das 20h00 às 22h30.

20: Clássicos do Cinema – “Cinema Paraíso”, do realizador italiano Giuseppe Tornatore, Teatro Faialense, 17h00.